

O Integralismo e sua influência no anticomunismo baiano*

Integralism and its influence on the anticomunism baiano

Cristiano Cruz Alves**

RESUMO

O integralismo se caracterizou por ter sido uma força emergente nos quadros da política brasileira na década de 1930 ao mobilizar centenas de milhares de pessoas tendo como bandeiras: um tipo de nacionalismo, o reforço de valores morais religiosos e familiares, a disciplina e hierarquia, e o anticomunismo. Este último, não obstante outros elementos tenham composto o ideário integralista, foi bastante aludido na difusão das idéias do sigma, apontando as inviabilidades das propostas comunistas para a superação da crise que o mundo vivia naquela década. Neste sentido a imprensa teve um papel relevante na divulgação de noções sobre o comunismo que o caracterizavam como uma ideologia destruidora da sociedade através da incitação entre as classes e do desprezo por valores morais e religiosos

ABSTRACT

Integralism was a new politic force in the Brazil in the 1930's years for mobilize hundreds of people using some flags: a kind of nationalism, the reinforcement of religious and familiar values, the discipline and the hierarchy, and the anticomunism. This last one, in spite of other elements made part of Integralist ideology, was enough mentioned in the transmission of sigma ideas, indicating the inaviabilities of comunist propose to overcome the world crisis in that decade. In this sense, the press enacted a important task for transmit notions about comunism that characterized like destroyer ideology of society by the fight between classes and the disregard of moral and religious values.

PALAVRAS-CHAVE: Integralismo, imprensa baiana, anticomunismo, história política, década de 1930.

KEYWORDS: Integralism, bahiana press, anticomunism, politic history, 1930's years.

O discurso anticomunista nos jornais baianos, em geral, seguiu, também, a rota dos acontecimentos e a evolução dos novos grupos políticos, a ANL e a AIB, recém constituídos em meados da década de 1930. Um destes grupos foi a Ação Integralista Brasileira, cujo líder, Plínio Salgado, havia criado um ideário inovador em relação aos ditames da política na República Velha.

Neste artigo, tratarei da questão do discurso integralista no tocante ao

* Esta é uma versão modificada do segundo capítulo da dissertação *Um espectro ronda a Bahia: o anticomunismo da década de 1930*.

** Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFB) / Brasil.

comunismo, com o objetivo de detectar os elementos comuns que há entres os extratos colhidos de jornais para analisar os instrumentos discursivos que existem e como eram usados.

O integralismo

Entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais surgiu na Itália, Alemanha, Portugal, Espanha, México, Bolívia e Brasil, dentre outros países, uma série de movimentos fascistas ou de inspiração fascista. Embora guardadas as vicissitudes de cada movimento face às peculiaridades regionais e culturais, segundo Héliog Trindade (1979), todos estes movimentos pertenciam a uma mesma matriz ideológica.¹

Várias são as interpretações sobre o integralismo, algumas se aproximando do fenômeno do fascismo e outras não. Alguns autores como Trindade (1974) o coloca como um movimento fascista, pela estrutura social da sua composição, se aproximando então das suas congêneres fascistas. Já José Chasin (1978) o classifica como um movimento de extrema-direita, romântico e reacionário, mas não fascista. Para ele não é plausível pensar que, em um capitalismo dependente e retardatário, possa ter ocorrido um fenômeno típico dos centros capitalistas em crise. Na mesma linha, Gilberto Vasconcelos (1977) pergunta como pode ter havido no Brasil um movimento autonomístico, nacionalista extremado em um país economicamente dependente?

Ricardo Benzaquen de Araújo (1987) inaugura uma outra vertente: a tentativa de analisar o integralismo pela sua proximidade e pelo seu distanciamento do conservadorismo brasileiro. Examinando o pensamento pliniano, Araújo chega à conclusão de que o projeto integralista de total mobilização social pode ser conceituado como Totalitarismo e, não como mais uma vertente do conservadorismo brasileiro.²

¹ Nosso papel não é discutir o caráter do integralismo, se foi um movimento de tipo fascista ou não, isso demandaria mais espaço e desviaria completamente dos objetivos traçados. Contudo há que mencionar a postura de uma outra corrente de estudos sobre o integralismo que não concorda com a tese do movimento liderado por Plínio Salgado ser de matriz fascista. Assim não discutiremos esta questão, já sobejamente debatida na historiografia do integralismo; apenas o faremos quando for realmente imprescindível, já que foi em nome do fascismo que o integralismo foi muitas vezes combatido.

² Nos últimos anos, tem sido maior a preocupação dos historiadores e cientistas sociais com o pensamento autoritário produzido desde os primórdios da Primeira República até fins do

Para um breve estudo do movimento integralista, se faz necessário um relato célere da construção ideológica do seu principal líder, Plínio Salgado, e como os acontecimentos o levaram à fundação da AIB.

Plínio Salgado nasceu em 1885, numa cidade do interior paulista, São Bento de Sapucaí, numa família de católicos tradicionais. Seu pai tinha inclinação para a política. Teve contato com autores na vinda para São Paulo, que depois o influenciaram na elaboração da doutrina integralista: Le Bon, Spencer, Haeckel e Lamarck. Participa da fundação do Partido Municipalista, em 1918. Depois da morte da sua esposa (1919), passa a ler autores religiosos, como Farias Brito³ e Jackson de Figueiredo⁴, ambos anti-spencerianos e antipositivistas, de onde vem a matriz católica do integralismo.⁵

Além destes intelectuais, um movimento que terá forte influência na formação intelectual de Salgado é o movimento Modernista. Tentou criar uma corrente renovadora –*Ação Nacionalista*, inspirada na leitura de Couto de Magalhães, *O Selvagem*, justificado pela busca das raízes da formação do povo, com a qual o nacionalismo que Plínio Salgado irá construir é fundamentado. Para Trindade (1979), a atividade literária o fez despertar para a política, algo que a sua experiência política não havia conseguido.

Em uma viagem à Europa no ano de 1930, observou a situação daquele continente e identificou uma grande efervescência de idéias, que em grande medida representava um conjunto oposto à “força dissolvedora do liberalismo”.

período estadonovista. No final da década de 1980 três importantes trabalhos vieram se incorporar aos clássicos do tema, como os de Wanderley Guilherme dos Santos (1978), Bolívar Lamounier (2004) e Jarbas Medeiros (1978). Estes trabalhos analisam mais amiúde o pensamento conservador e tentam traçar um panorama das principais características deste pensamento esparso e mal definido.

³ A renovação do espírito é o combate à laicização da sociedade em seus diversos níveis sociais e políticos que tomou conta a partir da segunda metade do século XIX. Importância individual para este movimento é o filósofo Farias Brito (1861-1917), considerado pelo centro Dom Vital como um dos “precursores do espiritualismo e por Plínio Salgado, o inspirador da concepção integralista” (TRINDADE, 1979: 31).

⁴ Bacharelou-se em Direito na Faculdade Livre de Direito da Bahia. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo e dedicou-se à política. Em 1918, converteu-se ao catolicismo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital, com a finalidade de congregar leigos e religiosos no aprofundamento da doutrina católica e a revista *A Ordem*, para divulgar a doutrina católica. Através do Centro e da revista, combateu o liberalismo e o comunismo. *A Ordem* teve papel importante na elaboração das tendências de extrema direita no Brasil.

⁵ O termo integralismo é sinônimo de integrismo para os círculos da intelectualidade católica do século XIX. Na metade daquela centúria, ganha seu contorno mais preciso, da qual se aproxima bastante o integralismo pliniano. O Integralismo ou integrismo é “uma concepção global e unitária do cristianismo, não só quando quer reafirmar a sua intangível integridade doutrinária, mas também e, sobretudo quando quer ser um sistema de vida e pensamento aplicável a todas as necessidades da sociedade moderna....” (POULAT, 2004: 635).

Ao lado do antiliberalismo, acabaram por se conjugar como alicerces do escopo principal do integralismo, o anticomunismo, o nacionalismo, o integrismo e o conservadorismo. Aliás, eram estes princípios que, para Salgado, deveriam apontar os rumos para o Brasil, totalmente compatíveis com o momento que o mundo vivia: a rejeição à liberal-democracia, mas distinto do fascismo, no sentido de que não deveria ser copiado inteiramente. A princípio, Plínio Salgado considerava o fascismo como mais uma ideologia exótica vinda da Europa.⁶

O nacionalismo era um dos mais importantes eixos do pensamento de Plínio Salgado e se baseia em três pontos. A unidade nacional, a consciência nacional e o anticosmopolitismo, que convergiram para a rejeição dos ideários, o comunismo e o liberalismo, que, para o integralismo, negam estes elementos. A monarquia havia começado a construção da unidade nacional, que foi retardada pela falta de expansão econômica. A República, que fortaleceu o liberalismo e a democracia, prejudicou esta construção iniciada no Império. O cosmopolitismo e a ausência de consciência nacional estão umbilicalmente ligados, pois o primeiro é um elemento que impede o segundo. Três outras características são também importantes: o antiliberalismo, o anticomunismo e o anticapitalismo.

Importante neste ponto, a contribuição de outros trabalhos que aprofundam a discussão sobre um integralismo multifacetado, com vertentes internas que o tornam um ideário mais complexo e rico no seu estudo. Em recente trabalho, Alexandre Pinheiro Ramos (2008) apresentou a tese que comparou sistematicamente o pensamento de Miguel Reale e Plínio Salgado, de forma mais amigável, sobrelevando a complementaridade do que a contraditoriedade entre ambos os intelectuais. Contudo ao concluir, afirma que as obras dos dois pensadores integralistas compõem dois integralismos, pois se pautam por objetos e aspectos da vida social distintos entre si.

A reunião de intelectuais em prol da construção de um nacionalismo, elemento primordial, que resgatou as tradições culturais e históricas brasileiras,

⁶ “Mas o que no fundo angustia o autor, com relação à concentração urbana e ao cosmopolitismo, é a grande permeabilidade das massas urbanas às ideologias exóticas e o efeito do mal urbano sobre a formação da consciência nacional... Ele [Plínio Salgado] está consciente que em razão do declínio da democracia liberal, a Europa se encontra frente a frente a um dilema: o comunismo ou o fascismo. ‘Ambos, profundamente materialistas, decretam a falência no ‘nacionalismo’, no ‘fascismo’, na ditadura militar’” (SALGADO, 1927: 63-64 apud TRINDADE, 1979: 52-53).

possibilitou a Plínio Salgado começar o trabalho de aglutinação de forças de extrema direita. Entrou em contato com o Partido Nacional Sindicalista de Olbiano Mello e com o diretor de *Hierarquia*, Lourival Fontes.

A fundação da AIB foi precedida pela organização da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) que juntamente com o jornal *A Razão* propiciaram a criação da AIB. A finalidade da SEP era preencher o vácuo ideológico deixado pela Revolução de 1930, diante das indefinições, segundo Salgado. Dentre seus objetivos principais estão a colaboração para a construção da unidade nacional; o reforço da autoridade; a coordenação de todas as classes produtivas para o fortalecimento da nação; apoio ao pensamento político que seja baseado nas realidades nacionais.

A AIB foi fundada em 7 de Outubro de 1932 com o lançamento do Manifesto de Outubro, existindo legalmente até novembro de 1937. Estruturou-se a partir de grupos e partidos de extrema-direita como a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), a Legião Cearense do Trabalho, dirigida por Severino Sombra, o Partido Nacional Sindicalista, de Minas Gerais, fundado por Olbiano Melo, e a monarquista Ação Imperial Pátrio-Novista.

Para Marcos Chor Maio (2003), pelos dados estimativos, o integralismo reuniu entre 500 mil e 800 mil militantes, e tornou-se assim o primeiro partido realmente nacional e de massas.

A expansão do movimento integralista se deu com as “bandeiras” para o Nordeste e Sul do país:

A concepção subjacente às “bandeiras” sugeria um novo processo de “conquista” ideológica e interiorização do projeto político integralista em âmbito nacional, no contexto do surgimento de *slogans* como a “marcha para o oeste” e a necessidade de conhecer o “Brasil real”, idéias essas formuladas por intelectuais como Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Alberto Torres (MAIO, 2003: 42).

O integralismo conferia grande importância aos símbolos e às imagens. O termo integralismo procurava esvaziar a importância do partido para o sistema político, como parte de sua rejeição pela representação política liberal-democrática. O termo “brasileira” no nome da entidade tinha por propósito refutar a idéia de partidos estaduais, de divisões regionais.

O símbolo do integralismo era a letra grega “sigma”, representando a idéia

de somatória, todo. A saudação entre seus membros era *anauê*⁷, na tentativa de buscar numa palavra tupi o nacionalismo que o Brasil deveria ter.

O apelo à permanente mobilização era tão importante quanto a ideologia defendida. Isso o diferenciava de outros ideários conservadores ou mesmo de direita daquele momento ou mesmo da República Velha:

Organizar crianças e jovens, mulheres, desfiles públicos, palavras de ordem inflamadas, bandeiras, marchas e estandartes revelam uma forma de fazer política distinta dos partidos oligárquicos da República Velha. (MAIO, 2003: 51).

Contribuía para a mobilização intensa dos militantes, a organização estruturada e hierarquizada da AIB. “A estrutura de organização era um pré-estado, um modelo do Estado integral a erigir” (TRINDADE, 1974: 330 apud MAIO, 2003: 51).

Os integralistas e o Integralismo na Bahia

A Ação Integralista foi fundada na Bahia em junho de 1933. A chefia inicial coube a Messias Tavares, João Alves dos Santos e José Cesimbra. Sucedeu-lhes no posto de chefe único, em seqüência: Caldas Coni, Augusto Alexandre Machado, Messias Tavares, Milciades Ponciano Junqueira e Joaquim de Araújo Lima, que, finalmente, assumiu em abril de 1935 até o encerramento das suas atividades na Bahia, em setembro de 1936.⁸ A reabertura no estado se deu em junho de 1937, sob a chefia de Vitor Hugo Aranha, e seu encerramento se dá definitivamente, em âmbito nacional, em 10 de novembro de 1937, quando ocorreu golpe do Estado Novo.

Na Bahia, o integralismo conheceu um crescimento rápido, enraizando-se inclusive em sindicatos e associações de classe. Nas eleições municipais de janeiro de 1936, os integralistas se mostraram fortes concorrentes dos candidatos do PSD, partido de Juraci Magalhães.⁹ Apesar da aproximação de Vargas com integralismo, quando da decretação do Estado de Sítio, após os levantes de 1935, a organização na Bahia foi alvo de dura perseguição por parte

⁷ **Anauê** é um vocábulo de origem tupi, que servia como saudação entre os indígenas e de brado. É uma palavra com conteúdo afetivo que significa: “Você é meu irmão”.

⁸ Trataremos deste momento da AIB na Bahia posteriormente.

⁹ O Partido Social Democrático fundado na década de 1930 por ordem de Juraci Magalhães para concorrer às eleições de 1933 é distinto do PSD fundado após 1945, no processo de redemocratização, que reunia muitos políticos do Estado Novo e alguns membros de oligarquias rurais estaduais.

do governador Juracy Magalhães.

Entretanto, não obstante o movimento integralista ter pretendido ser inovador e assim, se afastar das forças conservadoras da República Velha principalmente, as particularidades regionais influenciaram sobremaneira as ações, a campanha propagandística e notadamente as relações políticas dos integralistas com outros grupos. Ao contrário do que ocorreu na Bahia e em outros estados onde o movimento integralista sofreu perseguições, no Ceará o movimento integralista abrigou os indivíduos ligados às práticas coronelísticas no espaço municipal, diferenciando-se da forma de atuar de outras realidades (REGIS, 2008).

A expansão do movimento integralista na Bahia se deu, primeiramente, no meio universitário, na Faculdade de Medicina, na Escola Politécnica, na Faculdade de Direito e na AUB – Associação Universitária da Bahia. “O integralismo obteve forte inserção no meio estudantil, atraindo muitos jovens acadêmicos e secundaristas” (FERREIRA, 2006: 24). Jovens na época, como José Calazans Brandão da Silva e Rômulo Almeida, ingressaram nas fileiras da AIB. Era tão marcante a presença de universitários que o matutino *Diário de Notícias* deu grande destaque a este aspecto:

Filiado a Ação Integralista Brasileira criada em São Paulo, por este espírito vertiginoso de escriptor bem brasileiro, que é o Plínio Salgado, acaba de ser fundado na Bahia, pelos acadêmicos Dan Nunesmaia (presidente), Luis Porciuncula (secretario), Ítalo Gaudenzi (tesoureiro), Jose Marcelino, Agostinho Pereira, Antonio Mascarenhas, Aidano do Couto Ferraz, Francisco Stolze Cardoso e Gil Nunesmaia um núcleo da Acção Integralista Brasileira.¹⁰

Eram comuns os conflitos entre integralistas e organizações de esquerda, que se acentuaram depois da fundação da ANL, em 3 de maio de 1935, no Cine Jandaia, em Salvador. Após o início das atividades da ANL, os conflitos se intensificaram e atingiram outros grupos, como entidades estudantis e operárias, que foram locais de embates entre integralistas e aliancistas.

A propaganda integralista também se desenvolveu entre os sindicatos e as fábricas, afirma Sampaio (1992), e com algum êxito como aponta José Raimundo Fontes (1997). Os conflitos entre integralistas e aliancistas também envolveram os sindicatos, como neste exemplo, em que se revela a preocupação dos operários em rechaçar a denominação de comunistas:

¹⁰ *Diário de Notícias*, 14/06/1933, p. 1.

UM CONFLICTO ENTRE INTEGRALISTAS E OPERÁRIOS

(...)

Apurou nossa reportagem que aquela hora, um grupo de dez integralistas, ostentando suas camisas e signos, pretendia colocar na porta da sede da Federação dos Sindicatos um bolletim afrontoso dos brios do operariado baiano, classificando em geral de communistas. Operários que se encontravam nas janellas da sede da Federação, desceram e quizeram persuadir aos idealistas que ali não era logar para affixação de bolletins, mesmo por que o operariado baiano não era communista.¹¹

Contudo, mesmo sofrendo um combate intenso dos antifascistas e aliancistas, os integralistas cresceram no estado:

Mesmo encontrando resistências a Ação Integralista conseguiu obter rápido crescimento na Bahia. Segundo dados da própria AIB, haveria aproximadamente 46000 integralistas no estado, distribuídos por mais de 300 núcleos, municipais e distritais (FERREIRA, 2006:26).

O integralismo logo depois da sua fundação não havia adquirido muitos adeptos. A AIB conseguiu grande impulso no estado por ocasião da visita de Plínio Salgado em novembro de 1935 (curiosamente no mês das rebeliões aliancistas no Nordeste e no Rio de Janeiro). Estavam presentes na reunião diversas caravanas do interior do estado e o proprietário d'*O Imparcial*, Hugo Aranha, que, juntamente com o Chefe Nacional, proferiram discursos que atacaram o capitalismo internacional (SAMPAIO, 1992: 116-117).

Havia vários núcleos em Salvador, mas a presença mais forte da AIB era no interior. As “bandeiras” integralistas¹² foram responsáveis pela expansão para o interior:

Durante a passagem destas “bandeiras” eram promovidas sessões doutrinárias, conferências, comícios, desfiles, nas ruas principais das cidades, formatura de milicianos entre outras atividades que reforçavam a propaganda integralista junto às populações interioranas (FERREIRA, 2006: 27).

Esta forte inserção no interior foi uma característica marcante do integralismo no Estado. Para Sampaio (1992), os núcleos mais fortes da AIB se encontravam nas cidades do Sul e Sudeste do estado, onde a colonização italiana foi marcante. Na mesma linha de raciocínio, se encontra Luiz Henrique Dias Tavares (2001), que acrescenta apenas a região cacaueteira às já indicadas por Sampaio.

O crescimento eleitoral da AIB, notadamente no interior da Bahia, não

¹¹ *Diário da Bahia*, 28/10/1934, p. 1.

¹² Excursões para o interior organizadas pelo núcleo provincial (FERREIRA, 2006: 26).

chegou a ameaçar os dois grandes partidos –o PSD de Juraci Magalhães e os autonomistas. Contudo, Juraci Magalhães reconheceu à AIB importância dentro do quadro político baiano, mas atribuiu ao crescimento do integralismo no estado ao fato de haver algumas colônias de italianos no interior da Bahia. A historiografia mais recente (Bertonha, Gertz) já cuidou de desmistificar esta relação automática entre imigração italiana e alemã e integralismo.

Para Fábio Bertonha (2001), a relação entre fascismo italiano no Brasil e o integralismo foi em boa medida de convergência de ideais, não sem alguma dissensão no tocante aos nacionalismos e ao princípio da diferenciação com relação a outros movimentos. Em sua análise, a base social dos dois movimentos era a classe média, já que os italianos se filiavam tanto ao fascismo quanto ao integralismo. A questão, para Bertonha então passou a ser outra: a etnicidade, esta sim um elemento importante, pois os italianos natos aderiram muito mais ao fascismo de Roma, enquanto os descendentes de italianos que optaram pela direita marchavam com os camisas-verdes (BERTONHA, 2001). Para os primeiros, também havia a questão política por que alguns deles, burgueses da indústria paulista, não viam o projeto integralista viável para o Brasil e por isso optaram por se aproximar de Vargas enquanto os descendentes de italianos eram, “mais abasileirados e aculturados e desejosos, em muitos casos, de se afirmarem e de serem aceitos como brasileiros, ao Integralismo” (Ibidem: 94).

Em estudo recentemente feito por Ana Maria Dietrich (2007), o nazismo conheceu no seu período áureo, certo crescimento (nada comparável ao integralismo) tendo cerca de 2.900 integrantes, concentrados na sua grande maioria em áreas de colonização alemã, o que corrobora em grande medida com a tese de Bertonha.

O integralismo não se aliou com o juracisismo. Contudo, pelo fato de não ter apoiado Juraci Magalhães (mas não lhe fez qualquer oposição mais radical), o próprio Juraci considerava os integralistas uma oposição a seu governo, tendo havido aproximação de alguns políticos autonomistas ao integralismo, como Álvaro Catarino e Rafael Jambeiro (FERREIRA, 2006).

O governador Juraci Magalhães empreendeu intenso combate aos integralistas. O motivo mais forte seria o crescimento eleitoral do integralismo, que teria incomodado bastante os coronéis do interior. Em vários lugares, onde

o número de integralistas cresceu muito, houve muita rivalidade, conflitos e perseguição que foram denunciados no jornal *O Imparcial*.

Diverge, porém, Patrícia Carneiro Santos Moreira de Carvalho (2005) ao afirmar que Juracy Magalhães era simpático à AIB. Para a pesquisadora, Juracy Magalhães mudou de opinião quando passou a verificar no integralismo traços do fascismo, o que o fez alterar sua postura para a de combate (Ibidem: 120). Magalhães (1982), em suas memórias não relata esta motivação para a mudança de postura em relação ao integralismo, apenas circunscrevendo sua preocupação e ressaltando a força do integralismo na Bahia.

Contudo, ao passo que o integralismo granjeava mais membros e simpatizantes, notadamente no interior, ganhava Juracy Magalhães como inimigo “implacável e que não sossegaria enquanto não conseguisse dissipar esta força, que conquistava sem controle a adesão dos sertanejos e, no plano federal, gozava da benevolência do presidente da República” (CARVALHO, 2005: 123). Não era exatamente a semelhança com o fascismo europeu que atemorizava Juraci e outros chefes políticos baianos, pois, afinal de contas, o governo Vargas, que apoiava, nada fazia para combatê-los. Ao menos não era só isso. As motivações mais razoáveis e concretas para a repressão e o cerceamento de ação concernem à grande inserção que o integralismo teve em muitas cidades baianas, se impondo no velho jogo político coronelístico como força autônoma.

A relação entre o integralismo e os chefes políticos locais em geral foram tensas, mas em alguns estados como Pernambuco, após 1935, o movimento integralista ganhou alguns adeptos entre as tradicionais forças políticas, principalmente por conta do temor gerado pela agitação social. Isto fez com que a AIB naquele Estado se expandisse pelo interior causando grande entusiasmo nos integralistas. (SILVA, 1996)

Em setembro de 1936, Juraci manda fechar os núcleos integralistas na Bahia, sob a alegação de que haveria um plano subversivo que incluía a morte do governador.

Em 12 de setembro, o governo apresentou uma carta de Araújo Lima endereçada a Belmiro Valverde, chefe nacional de finanças da AIB escrita em agosto daquele ano. Segundo autoridades policiais, esta carta conteria referências à preparação desse movimento subversivo o que consistiria na principal prova que justificaria o fechamento da AIB no estado e a prisão dos principais envolvidos entre os quais militares do 19º BC (Batalhão dos Caçadores) (FERREIRA, 2006: 31).

A AIB continuava existindo legalmente no Brasil, exceto na Bahia, onde

havia sido proibida por Juraci Magalhães.

Após a autorização da justiça para o funcionamento do núcleo provincial, os integralistas realizaram na Praça da Sé, em 12 de Julho de 1937, um comício na qual, segundo o jornal *O Imparcial*, foram obstados pelos comunistas, que desejaram transformar o evento do Sigma em tumulto.¹³

Após a tentativa de golpe integralista em Março de 1938, a AIB é definitivamente fechada em todo o Brasil.

Os jornais e o Integralismo antes da intentona

O jornalismo baiano tinha aversão ao comunismo. Em maior ou menor grau os periódicos bahianos pesquisados publicaram matérias relativas ao comunismo, seja de cunho educativo, por intermédio de editoriais ou por divulgação de fatos correlatos às atividades comunistas na Bahia, no restante do Brasil ou no exterior.

Em especial, dois jornais desenvolveram o que se pode denominar de uma campanha anticomunista, por conta da frequência da publicação de matérias relativas ao comunismo quanto à contundência sobre os fatos e informações veiculadas: *O Imparcial* e o *Diário de Notícias*.

O Diário de Notícias:

O *Diário de Notícias* foi um dos mais importantes jornais da Bahia. Sua longa duração comprova isto. O jornal sempre foi dirigido por figuras de destaque no meio político baiano. Entre 1919 e 1939, Altamirando Requião; entre 1939 e 1942, Antonio Balbino de Carvalho; a partir de 1942, Odorico Tavares dirigiu o periódico até o encerramento de duas atividades em 1979.

Altamirando Requião, editor e dono do *Diário de Notícias*, saudou Getúlio Vargas por ocasião da Revolução de 1930. Após a vitória de Vargas e da coalizão de forças que o apoiaram, foram indicados diversos interventores para os estados. Na Bahia, após duas interventorias tumultuadas, Juraci Magalhães compôs com as velhas oligarquias baianas, deixando de lado algumas premissas da Revolução. “O *Diário de Notícias* foi o único jornal local que apoiou a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia” (PEIXOTO JR., 2003: 38).

¹³ *O Imparcial*, 13/07/1937, p. 1.

O jornal, desde 1934, vinha postulando posição favorável ao governo do Reich. Setores da economia bahiana eram controlados por alemães e a Alemanha tinha interesses em estreitar laços com a Bahia. Contudo, outras posturas autoritárias ou totalitárias¹⁴ puderam ser sentidas nas edições do *Diário de Notícias*. O diário baiano atuou entre 1935 e 1941 como um elo de ligação entre a Alemanha e a colônia germânica na Bahia. Declara Peixoto Jr. (2003: 11) que Altamirando Requião não escondia sua simpatia pelo Estado Nazista. Mas não somente o nazismo, mas também o integralismo.

O *Diário de Notícias*, pela simpatia explícita a uma doutrina totalitária e o seu papel de combate ao comunismo, concedeu espaço significativo ao integralismo. Vários artigos sobre o integralismo e editoriais escritos por camisas-verdes foram publicados. Em quase todos, se verificou a relação do integralismo com o anticomunismo, postulando a inviabilidade do comunismo, principalmente no tocante à luta de classes:

ORGANIZAÇÃO SYNDICALISTA

A luta de classes constitue a razão exclusiva do socialismo revolucionário na sua expressão mais rubra e mais violenta, e por isso, o ideal supremo do socialista deve ser o desaparecimento dessa luta através de empreendida harmonia de interesses; de uma racional colaboração de forças e eqüitativa distribuição de riqueza. Sendo assim, fora do movimento syndicalista, da organização político-econômico dos trabalhadores como genuínos representantes das forças vivas da nação, não haverá possibilidade de qualquer solução definitiva. A luta das classes implica num estado de rivalidade social, profunda e constante entre trabalhadores e burgueses, entre esses dois elementos nascidos da economia individualista e liberal cada qual, com a sua mentalidade com a sua concepção egoística do phenomeno econômico, com sua solução rigorosamente parcial, sectarista da doutrina que mais convém ao seu ponto de vista, porém ambos desinteressados das conseqüências que possam resultar, da maior ou menor eficiência da organização político-social.

(...)

O remédio está no socialismo syndicalista, não como portavoz dos partidos políticos, sem expressão social, sem atitudes definidas, sem programas firmados, sem princípios defendidos, mas, sim, como effeito da coordenação eficiente da associação generalizada, da colaboração racional e proveitosa de todas as forças e proveitos de todas as forças produtivas do país.

(...)

E o socialismo dos partidos políticos é simplesmente decorativo e inoperante, o socialismo vermelho não tem a noção clara e perfeita das realidades sociais, e por isso, estabelece as mesmas leis, os mesmos princípios para todos os países.¹⁵

O integralista não acredita e combate a luta de classes como forma de

¹⁴ Matérias sobre o fascismo italiano foram identificadas na pesquisa.

¹⁵ *Diário de Notícias*, 04/10/1933, p. 4

superação dos problemas sociais. O “socialismo rubro”, como afirma Alexandre Augusto Machado, autor do artigo, não é a ideologia que levará à solução da desigualdade social, da exploração humana, mas à colaboração entre classes, à harmonização dos seus interesses, através do socialismo sindicalista. Este era um dos pilares da reorganização social proposta por Plínio Salgado e Miguel Reale, em seus escritos. O sindicalismo corporativo se aperfeiçoaria no Estado Integral, onde estariam reunidas todas as classes, todas as profissões, enfim todos os agrupamentos político-sociais.

A construção deste sindicalismo corporativista, que redundaria no Estado Integral, não dispensaria o principal eixo de sua luta: o combate a outra proposta para a substituição da liberal-democracia, o comunismo. Demonstrou também admiração por doutrinas pertencentes ao espectro do autoritarismo naquela década. O que se pode verificar na nota de Augusto Machado é a contraposição explícita entre o comunismo e o integralismo na viabilidade dos projetos para um novo reordenamento da sociedade brasileira. Nesta dicotomia entre comunismo e integralismo, este implantaria seus ideais na sociedade a partir da derrota do comunismo, porque para a doutrina integralista, além do comunismo ser diametralmente oposto ao ideário integralista, é incompatível com a realidade do Brasil, por negar princípios religiosos, morais e éticos inerentes à identidade brasileira.

Augusto Alexandre Machado, importante líder integralista, catedrático da Faculdade de Direito, não se aprofunda nas questões relativas à moral e nem à religião. Contudo, é fácil supor que se o integralismo tende a resgatar alguns valores perdidos com a ascensão e hegemonia da liberal-democracia no Brasil, principalmente após 1891, coloca-se em posição contrária ao que os integralistas entendem como adversários dos ideais de família, educação e trabalho. Na década de 1930, tanto no Brasil quanto no restante do mundo, estes adversários eram em geral os comunistas, ou os esquerdistas que na propaganda anticomunista eram muitas vezes intitulados como comunistas.

Assim, a divulgação das idéias integralistas era direcionada aos grupos com que se queria dialogar, atendendo às suas expectativas e atentos à linguagem própria. Neste sentido, o discurso integralista se aproxima muito dos ditames das formas discursivas da imprensa. Podemos então afirmar que há uma homologia entre ambos: o discurso jornalístico não é inocente, porque sabe

para que público está falando, como produzir determinada informação e o que a informação gera em termos de expectativas, angústias, satisfação, preocupação, etc. Isto está embutido na informação: a imagem de “quem vai ler”, configurada pelo autor da notícia. É neste sentido, com o qual concordamos inteiramente, que Bethânia Mariani afirma ser:

Uma compreensão da recepção dos jornais, no que se refere ao modo como os leitores significaram o discurso sobre os comunistas, esta pode ser detectada na própria prática discursiva da imprensa. Ou seja, se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-los como consumidores, há que se considerar que todo jornal noticia para segmentos determinantes da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento (MARIANI, 1998: 57).

Parece-nos que neste primeiro momento o esforço integralista para atrair novos adeptos estava concentrado no sindicalismo baiano. As matérias e notícias sobre o integralismo nos primeiros meses de organização no estado buscavam chamar a atenção do operariado para a doutrina e os perigos do comunismo. Outra matéria comprova isso:

UMA PALESTRA NO SEIO TRABALHISTA

Assim é que ontem, o “companheiro” (é esta a denominação adoptada pelos integralistas entre si), o Sr. João Alves dos Santos, o pioneiro desta nova ideologia, político social entre nós, esteve em serviço de propaganda doutrinária junto a uma numerosa assembléia de trabalhadores de diversas profissões algumas das quaes organizadas em sindicatos.

Iniciando sua palestra acerca da finalidade do movimento integralista, o “companheiro” Sr. João Alves dos Santos, depois de fazer uma explanação bastante clara do socialismo nas suas mais numerosas modalidades entrou a mostrar o perigo que representa para o Brasil a aceitação de ideologias sociológicas transplantadas de meios cujas tradições moraes, culturaes e políticas são completamente diferentes do nosso. A propósito, citou Alberto Torres: - “Entre o individualismo que assenta sobre institutos jurídicos derivados, entre o argentario e o socialismo, que pretende esquecer as desigualdades, as desigualdades naturaes, há uma outra fórmula de justiça”.

FINALIDADE DO INTEGRALISMO

A organização do Estado Integral, disse, resulta dos grupos naturaes que são a Família, o Sindicato, o Município. O Integralismo, em resumo, visa implantar no Brasil, um “Estado Syndical Corporativo Nacionalista” como abolição do systema eleitoral baseado no “suffrágio universal”. Dar-se-á por este meio a syndicalização de todas as classes.

O integralismo considera o sindicato “como uma das células do organismo nacional e tem, em particular, as mesmas características da nação: é um órgão de finalidades éthnicas, políticas, econômicas e culturaes. O Sindicato, no Estado Integral, é um órgão de direito público”.

O Sindicato Integralista tem essas quatro funções: moral, pelas soluções das questões oriundas da produção dentro do espírito de cooperação e de auxílio mútuo; cultural, pelo dever de cuidar da cultura de seus associados; econômica, pela participação de seus

órgãos superiores na solução dos problemas de economia nacional; e política, pela indicação livre dos representantes à Câmara Econômica.

O INTEGRALISMO E OPERARIADO

O Integralismo quer o operariado com garantias de salários adequados às suas necessidades, interessando-se nos lucros conforme o seu reforço, e capacidade de frente erguida; tomando parte em estudos de olhar iluminado, como homem livre; tomando parte das decisões do governo como ente superior. O Integralismo reprimirá os abusos do capitalismo, sua ingerência nos negócios do Estado, sua crueldade para com as massas proletárias, sua ganância, sua avaréza, a opressão que exerce contra os productores. O Integralismo, disse, por fim, o que deseja, é dar ao operário, ao camponês, ao soldado, a possibilidade de subir, conforme sua vocação e seus justos desejos. Nada de ódios, nada de covardia.¹⁶

O integralismo pretende se contrapor às outras ideologias em voga na década de 1930. Em meio ao argentarismo¹⁷ e ao socialismo, há uma outra possibilidade: o integralismo, através do Estado Integral. Para sua construção, é necessário que o sindicato seja um órgão de direito público, portanto, sem autonomia, parte do Estado e executor da sua vontade, já que todas as classes estariam representadas, e assim não haveria predomínio de uma sobre a outra.

O combate ao capitalismo que a matéria expressa é um dos pilares do integralismo. A luta contra o capitalismo internacional se dava juntamente com o anticomunismo.¹⁸ O sistema capitalista deveria ser controlado para servir aos desígnios do Estado e evitar a luta de classes –*nada de ódios, nada de covardia*– que desarmoniza e desintegra a sociedade.

A atenção dispensada ao operariado baiano visava ao esclarecimento daquilo que seria o integralismo, mas também, principalmente, o estabelecimento das diferenças entre a doutrina do sigma e o comunismo. Não obstante o integralismo tenha adquirido mais adeptos na classe média, sua propaganda política buscou conquistar os operários, já que estes eram os principais alvos do ideário comunista. Por isso, o discurso integralista preocupava-se em ser também –mas não somente– anticomunista.

Por conta do anticomunismo, o discurso integralista encontrou eco no

¹⁶ Ibidem, 07/08/1933, p. 1.

¹⁷ Referência à atividade do capitalista internacional, que, em regra, era considerado, pelos anti-semitas, o judeu.

¹⁸ O desenvolvimento do trabalho sobre o integralismo a partir dos textos teóricos de Plínio Salgado, principalmente, Miguel Reale e Gustavo Barroso, levou Trindade (1979: 239) a concluir que o capitalismo e comunismo na doutrina integralista provém de um fundamento teórico comum, qual seja, o materialismo. Na atuação da AIB, ficou evidente que havia uma diferença de tratamento entre os comunistas e os liberais ou a burguesia.

Diário de Notícias, e reforçou sua postura pró-totalitária, dando apoio integral aos fascismos.¹⁹ Assim, o integralismo teve seu espaço no periódico enquanto veículo ideológico de combate ao comunismo, uma vez que as matérias publicadas sobre o integralismo faziam menção direta ou indireta ao comunismo, como se verifica novamente neste relatório jornalístico de uma reunião integralista ocorrida em Salvador:

O INTEGRALISMO EM MARCHA
Em prol de um “Brazil mais brasileiro”

Fala festejado intellectual.

Ocupou, então, a tribuna, o Dr. Caldas Coni, nome sobejamente conhecido nos nossos meios intellectuaes e membro dos institutos dos Advogados deste Estado. Produziu o Dr. Caldas Coni belíssima oração, revelando profunda cultura sociológica. Fez a apreciação do communismo russo e do fascismo italiano, confrontando-os com o integralismo brasileiro para mostrar “a sem razão dos que julgando superficialmente o grande movimento sociológico, chefiado por Plínio Salgado, o confundem com as ideologias políticas dos povos de além-mar”

O discurso do Dr. Caldas Coni foi uma excelente prolecção doutrinária, dirigida, especialmente, ao elemento trabalhista, que teve, assim, ocasião de testemunhar a sinceridade do movimento integralista. Por isso mesmo, ao terminar, foi o orador vivamente aplaudido, sobretudo quando, com palavras cheias de patriotismo, fez a sua profissão de fé integralista.²⁰

A preocupação em diferenciar-se de outras ideologias era algo constante nos discursos integralistas, como podemos perceber. Nesta matéria específica, além do comunismo ser tomado com referência negativa, ou seja, antagônica, o próprio fascismo é visto como algo distinto do integralismo. Aparentemente isso denota certa incoerência, visto que os conjuntos doutrinários das duas ideologias –integralismo e fascismo– eram próximos. Nem sempre as similitudes das duas ideologias poderiam levar a conclusões sobre a sua total identificação

Contrario sensu, um elemento comum que os unia era o anticomunismo. A postura pró-nazista e a aproximação com o integralismo são reveladas pelo espaço que o *Diário de Notícias* conferia às manifestações integralistas, como nesta matéria:

O INTEGRALISMO BRAZILEIRO
Em garbosa manifestação cívica

A nossa capital assistiu hontem, a um espectáculo da inédita belleza,

¹⁹ Uma contradição verificada foi a postura pró-nazista do *Diário de Notícias* e o apoio dado ao interventor Juraci Magalhães, que combatia veementemente as forças integralistas no estado.

²⁰ *Diário de Notícias*, 11/08/1933, p. 1.

de profundo e impávido civismo: o comício integralista e desagravo torpemente ultrajados por indivíduos abjectos e covardes cuja alma negra há de ter soffrido as cutiladas de medonho remorso, com aquella explosão magnífica de patriotismo maroadado.

O integralismo cujas fileiras se alargam cada dia mais, com a adesão dos brasileiros que se sentem empolgados pelo seu ideal. O Integralismo marcou hontem um triunfo confundível e tocou fundo o coração do povo bahiano.

Entre aquelles dois auri-verdes pendões que os integralistas, garbosos e serenos, intrépidos e gravos, conduziam pelas ruas desta capital – um ostentando injuriosos palavrões, nelle gravados, a **tinta vermelha** [grifo nosso] por mãos criminosas; outro sobraçado triumphalmente por um miliciano intemerato – marchava silenciosamente o próprio Brasil, e não houve quem não sentisse, profundamente emocionado, fervor no peito a chama do amor da Pátria que abençoava o gesto altaneiro dos filhos que a desafrontavam publicamente!²¹

A matéria é bastante longa, não cabendo a sua inteira transcrição. O que podemos verificar, além da apologia declarada ao integralismo, é a razão para a manifestação de rua que os integralistas fizeram, justificada pela ofensa cometida contra a bandeira nacional. Teriam sido comunistas os executores da mancha vermelha no pavilhão nacional. Se estava manchada com a cor vermelha, necessariamente foram os comunistas que a mancharam? Quais seriam os objetivos dos comunistas em ultrajar a bandeira brasileira? A questão que se coloca nesta matéria é o conjunto de motivos que levaram os jornalistas do *Diário de Notícias* a identificar como comunistas as atitudes de desonra à bandeira, não exatamente a veracidade ou não dos fatos narrados, pois o jornalismo é uma atividade que seleciona seus instrumentos e fontes, a partir de diversos fatores.

Está na essência do anticomunismo, e neste ponto nos parece ser algo que perpassa todos os anticomunismos, a formação de idéias e conceitos sobre o comunismo. É necessário construir o inimigo para que a partir disto sejam reforçados valores significativos para certas classes ou valorizados outros elementos ideológicos. Neste sentido, o anticomunismo integralista não se diferencia de tantos outros, pois também partilha noções e elementos que outros grupos sociais consideram importantes.

No tocante ao *Diário de Notícias*, a sua posição pró-nazista e simpática ao integralismo persistiu até a inflexão do Estado brasileiro no transcorrer da Segunda Guerra Mundial, quando Vargas decidiu conduzir o Brasil para o lado

²¹ Ibidem, 07/06/1934, p. 1.

Aliado. A agência de notícias passou a ser a *Reuters*, deixando a alemã *Transocean*, o que alterou a linha editorial do periódico, passando a criticar as forças fascistas e o integralismo, e apoiar as forças aliadas na guerra e grupos internos que lutavam pela democracia.

O Imparcial

O jornal *O Imparcial* foi fundado em 1918 por Lemos Britto.²² Atravessou muitas dificuldades financeiras, até que em 1928 sofreu uma interrupção no seu funcionamento, voltando a circular em 1929. Em 1933, o político e jornalista Álvaro Martins Catharino²³ assumiu o controle do jornal, em nome da Companhia Editora e Gráfica da Bahia.

Inicialmente, o jornal assumiu a defesa do autonomismo.²⁴ Ao passo que a AIB foi adquirindo mais adeptos e maior expressão política no país e no estado, o matutino da rua Rui Barbosa se aproximava do integralismo e se distanciava mais do autonomismo. Contudo não havia nem defesa explícita nem oposição radical ao governo Juraci Magalhães.

Após a chegada do jornalista Vitor Hugo Aranha, *O Imparcial* passou a defender e apoiar intensamente o integralismo. Pode-se dizer que havia uma simbiose entre o integralismo baiano e *O Imparcial* no período 1934-1937, já que Vitor Hugo Aranha se tornou importante líder integralista no estado, sendo o chefe provincial do Departamento de Propaganda. Para Laís Mônica Reis Ferreira (2006), a inflexão completa para o integralismo se deveu a dois fatores: “o temor em relação à crescente influência das ideologias de esquerda junto ao operariado e o antijuracisismo” (FERREIRA, 2006: 59).

Embora *O Imparcial* tenha aderido ao integralismo, não obedecia aos regulamentos gráficos e padrões jornalísticos do sistema de informação impresso da AIB – a rede de jornais do integralismo, portanto continuava com o mesmo formato e sendo noticioso, abrindo espaço para outras correntes

²² No início de sua existência o jornal identificou-se “como o representante do que chama de as três grandes classes: comércio, indústria e lavoura – as classes conservadoras” (SANTOS, 1985: 71-72).

²³ Colaborou em 1921 para a construção do primeiro estádio de futebol de Salvador – o Estádio da Graça.

²⁴ Nome da tendência de oposição ao governo Juraci Magalhães, que reunia Seabra, Otávio Mangabeira e Góes Calmon (o primeiro era adversário dos outros dois na década de 1920) e reclamava para a Bahia a autonomia perdida, em nome do prestígio que este estado sempre gozava, por ter sempre produzido grandes homens públicos, diziam os autonomistas.

políticas como os autonomistas, por exemplo (FERREIRA, 2006).

No período entre 1934 -1937, o anticomunismo adotado pelo *O Imparcial* foi o de vertente integralista. Seja explicitamente, aparecendo logo no título das notícias, ou em editoriais escritos por integralistas, o anticomunismo foi uma marca importante no discurso integralista n' *O Imparcial*. Tal como ocorria com o *Diário de Notícias*, quase sempre havia a contraposição entre o integralismo e o comunismo, na tentativa de mostrar a ineficácia deste e a viabilidade do primeiro para resolver a crise da liberal-democracia, como vemos na matéria abaixo:

A AÇÃO INTEGRALISTA NA BAHIA

(...)

O nosso querido Brasil, como todos nós sabemos, tem estado e está ameaçado de dois flagelos: o Comunismo e o Separatismo. O primeiro é o ideal dos prosélitos de Karl Marx com todos os seus horrores; o segundo é o deplorável e revoltante regionalismo de homens que nasceram sob o céu de uma mesma pátria, uma pátria única, e pretendem retalhá-la, partindo suas fibras, ferindo-as no coração, renegando-a, desconhecendo-a, como Mãe Comum, exclamando com ingratidão: não sou brasileiro, sou paulista, rio grandense do sul ou do norte, carioca ou fluminense!

O Integralismo, entretanto, que não é “Comunismo”, que não é “Separatismo”, nem “Fascismo”, não sendo também um partido, é um movimento que visa integrar o Brasil, começando a disseminar a “cultura sociológica e política” entre os brasileiros, desenvolvendo a propaganda “de elevação moral e cívica do povo brasileiro” até que possa conseguir a “implantação de um regimen político-social tão somente baseado na concepção do Estado Totalitário, ou Estado Integral”, o Estado na acepção formal da palavra, O Estado completo, inteiro, no qual todos os elementos ativos estão reunidos.

E é assim que o integralismo não vê o homem, no mesquinho espaço do individualismo empunhando o cetro do egoísmo; ele não percebe o homem dentro do coletivismo deturpado e anárquico; ele não conhece a classe baixa, não conhece classe média e nem superior e se empenhará pela união todas; ele não distingue o bahiano do carioca, o paulista do mineiro, o sergipano do gaúcho, o espiritosantense do pernambucano, ele vê apenas, o brasileiro, o brasileiro enlaçado pelo trio excelso: Família, Deus e Pátria. Ele conhece o homem integral, o homem dentro do Estado.

O integralismo não é uma conspiração, por que não conspira contra ninguém; é e será antes um estorvo ante às impatrióticas sedições uma barreira formidável que se levanta para resistir à fúria de voragem traiçoeira que tenta absorver a nossa pátria; os dois males já apontados e o profissionalismo político.²⁵

É necessário para o discurso anticomunista elaborar e disseminar idéias sobre o comunismo. O integralismo encontrou no combate e na demonstração do comunismo como uma ideologia irrealizável, um dos sentidos de sua legitimação. Para além disso, o discurso integralista nos jornais baianos como

²⁵ *O Imparcial*, 05/08/1933, p. 1

em outros discursos anticomunistas, buscou combater o comunismo, caracterizando-o com o mal, a ameaça, enquanto o bem e a salvação seriam papéis de outros grupos e idéias, como o integralismo.

Quando a matéria apócrifa em tela descreve o comunismo com adjetivos que o desqualificam mediante o conhecimento da percepção dos leitores (“horrores”, “deturpado”, “anárquico”), valoriza, implícita e diretamente, o integralismo, o exalta na comparação com outras correntes políticas citadas. Reforçar a legitimidade dos seus objetivos, como a “implantação de um regimen político-social tão somente baseado na concepção do Estado Totalitário, ou Estado Integral”, também era atribuir importância às noções como Deus, Pátria e Família, ameaçados pelo comunismo e liberalismo, filhos –irmãos do materialismo que nascera na modernidade (MOTTA, 2002).

No último parágrafo do extrato da matéria que é bastante longa, ressalta-se a condição do integralismo de movimento ordeiro, e por isso se contrapõe aos outros que supostamente incitam à revolta, ao embate. Sem mencionar diretamente, mas dando continuidade ao anticomunismo praticado nas décadas de 1910 e 1920, o autor desconhecido da matéria induz o leitor a ver no comunismo a ideologia que planeja revoltas, golpes e sedições. O integralismo, totalmente oposto, não age assim, segundo o trecho do jornal, pois não seria um movimento que propugnaria pela conspiração.

Os valores religiosos eram um dos aspectos importantes do discurso integralista e bastante reforçado quando se direcionava para a luta anticomunista. São vários os trabalhos acadêmicos que buscam entender a posição da Igreja em relação ao integralismo. É por este viés que opera Ademir da Costa Santos (2003), numa interessante linha de reconstrução do integralismo. O autor procurou entender o integralismo em Sergipe pelas propostas autoritárias através da educação integralista, onde pede detectar as posturas autoritárias e os meios de propagação do ideário integralista.

Neste estudo aqui feito, há que se diferenciar o anticomunismo integralista em três vertentes. A primeira continha elementos teóricos que colocavam no mesmo nível o comunismo e o liberalismo, como ideologias oriundas do materialismo. Na segunda vertente, temos o comunismo como uma doutrina ligada às idéias fragmentárias do século XIX e superada pelo fascismo. E na terceira vertente, um anticomunismo primário que incute medo e não se

delongava em discussões teóricas.

No caso baiano, *O Imparcial* é o jornal que pode nos auxiliar a identificar qual delas está mais presente. Na pesquisa realizada, podemos constatar a presença das três vertentes apresentadas, sendo mais forte a primeira e a terceira. Na matéria seguinte, podemos identificar quanto temor o comunismo provocava, principalmente com relação a valores ligados à religião, e à aliança simbiótica entre o liberalismo e o comunismo:

INTEGRALISMO, ARGENTARISMO E COMUNISMO.

Sendo o integralismo um movimento de oposição ao argentarismo e de repressão ao comunismo, despertou, é natural, uma reação insistente de argentários e comunistas.

É interessante observar como puderam juntar-se, esta reação elementos tão díspares. Os extremos se tocando. Há, é certo, muita afinidade, muita semelhança entre o homem dollar, escravo do seu ouro, e o homem mecanizado escravo do trabalho.

O primeiro –o homem dollar, na obsessão na posse do ouro através de especulações espertas e deshonestas, esqueceu de tirar desse ouro o que ele lhe podia proporcionar de gozo ou satisfação à vida. O segundo, o homem comunista, nascido da revolta da miséria e do trabalho em contraste com a fortuna e com a ociosidade, deixou se arrastar numa ideologia vermelha –espécie de cadinho onde, à custa de uma grande fogueira, ferve e se evapora –a crença no seu Deus, o amor à Pátria, a consolidação da família, e, sobretudo o estímulo, o direito de progredir segundo a sua capacidade.

Perde a crença no seu Deus no materialismo. Perde o amor à sua Pátria, com essa abstração de internacionalismo como se fora capaz de amar a todo um mundo, a toda espécie humana, o indivíduo que não ama o torrão que em que nasceu, nem ama os que nasceram nos limites deste torrão, crescidos debaixo dos mesmos costumes, sob o affago das mesmas palavras, das mesmas syllabas maternas, sob os carinhos de temperamentos forçados num mesmo clima.

(...)

Argentários e comunistas implicitamente ligados, esquecidos do que representam entre si levantam-se contra o integralismo que é um movimento de salvação da pátria o que não interessa de perto ao argentarismo que visa acima de tudo “conveniências individuais” e por outro lado, não interessa ao comunismo que, antes de implantado, visa, é claro, supostas vantagens para as classes proletárias.

(...)²⁶

Não obstante o autor do artigo, Antonio da Silva Garcia, tenha reproduzido o mesmo raciocínio do integralismo de Plínio Salgado, quando afirma serem o liberalismo e o comunismo digressões do materialismo, o foco principal, pela maior atenção dada, é o comunismo. As breves linhas concedidas à discussão teórica sobre o posicionamento de ambas as ideologias, logo é revertida para o referencial integralista que coincide em parte com o católico, quando aponta Deus, família e Pátria como símbolos e valores caros à “identidade” brasileira.

²⁶ Ibidem, 09/05/1934, p. 8.

Na década de 1930, o enfoque religioso do anticomunismo, ao menos o baiano, era bastante forte, constituindo sua matriz principal.

Ou seja, na matéria exposta, o medo não era explicitamente disseminado, quando muitos artigos ou notícias utilizavam termos que evocavam o mal, fazendo alusão muitas vezes a animais e doenças.²⁷ Contudo, o que nos chama a atenção e o diferencia quanto aos argumentos é a posição do liberalismo e do comunismo em relação ao integralismo.

Ambos teriam se levantado contra o integralismo para combatê-lo naquilo que o brasileiro prezaria e os integralistas defendem: a religião, a família e a Pátria. Embora o comunismo tenha, segundo o integralismo, alçado o internacionalismo e a igualdade como ideais inalcançáveis e constituiu-se em meios para destruir as liberdades e as nações, o discurso se torna vago quando menciona as “supostas vantagens para o proletariado”. Ora, mas se os comunistas querem escravizar o homem ao trabalho que vantagens haveria então para o trabalhador? Seria um engodo o comunismo? A preocupação com o comunismo estaria revestida com o temor de que este alcançasse a classe operária ou seria apenas afastar o comunismo pela sua incongruência teórica com a realidade brasileira?

A campanha anticomunista n’ *O Imparcial* intensificava-se cada vez mais, e isso colaborava direta ou indiretamente para a promoção dos ideais integralistas. Quando se publicava algo sobre o Partido Comunista do Brasil (PCB) ou atividade comunista era trazida à tona o seu “aspecto negativo”, o que deturpava o sentido do comunismo e das ações dos comunistas. Para *O Imparcial*, os comunistas estavam envoltos em fracassos, como no indeferimento do pedido de registro do PCB no Tribunal Superior Eleitoral.²⁸ Havia mais de um ano que o PCB havia solicitado o seu registro e teve o pedido também negado com base nos “fins que o partido promove e de que se serve são ilícitos”.²⁹ Todos estes fatos, tratados com grande destaque pelo jornal, a maioria deles figurando na primeira página quando não, tomando grande

²⁷ Rodrigo Patto Sá Motta (2001), dedica um capítulo a análise de imagens que relacionam o comunismo a elementos abjetos. Em *O PCB e a Imprensa*, Bethania Mariani dedica-se a esmiuçar os sentidos dos termos usados nos jornais para adjetivar o comunismo e os comunistas, baseada no conceito de Análise de Discurso.

²⁸ *O Imparcial*, 10/10/1934, p. 1.

²⁹ *Ibidem*, 13/04/1933, p. 3.

espaço, demonstram a importância do comunismo e a instrumentalização do medo anticomunista para a promoção do integralismo.

O discurso anticomunista integralista adquiriu outra faceta na segunda metade do ano de 1935. O encerramento das atividades da ANL por decisão legal em todo país trouxe consigo forte apoio dos integralistas a esta medida. As temáticas do “assalto ao poder” e da “subversão” dominaram o noticioso integralista baiano, principalmente o segundo. N’ *O Imparcial* a maior quantidade de matérias sobre estes temas se verificou após o fechamento da ANL, em julho de 1935. Na primeira metade daquele ano, o enfoque principal era dado à Rússia, com a discussão sobre o reconhecimento diplomático ou não da União Soviética pelo Brasil.

O Imparcial, evidentemente, posicionava-se contra o reconhecimento da Rússia –coisa que já o tinha feito os Estados Unidos– pois,

o simples facto do estabelecimento de uma representação diplomática dos Soviets no Brasil importará nada menos na criação de um foco de propaganda do regimen que em absoluto não nos convém.³⁰

O fato de ser Moscou a sede da Internacional Comunista e aliado ao fato da União Soviética ser o único país socialista do mundo, levaram *O Imparcial* a associar o Estado soviético e o movimento comunista, algo que passou a ser comum, ou seja, o ataque a um significava atacar o outro. Há que se ressaltar a deturpação anticomunista deste dado concreto, ou seja, havia uma ligação dos PC’s com a Internacional Comunista, sediada em Moscou, mas não a ponto de um automatismo entre a URSS e os PC’s que se desejava transmitir.³¹ O que nos parece uma exacerbação anticomunista é exatamente a visão sobre a postura dos Partidos Comunistas com relação à União Soviética, como se esta ligação fosse levar o Brasil a uma dominação estrangeira.

Além disso, a própria situação social e econômica da Rússia era interpretada segundo as referências anticomunistas prolatadas pelo integralismo.³² Perpassava pelo anticomunismo, a negação da União Soviética como referência positiva da experiência comunista.

Foram muitas as matérias publicadas sobre a ANL e os comunistas até

³⁰ Ibidem, 08/01/1935, p. 1.

³¹ O Partido Comunista do Brasil, cuja sigla PCB era associado à Internacional Comunista, portanto regradado enquanto partido-membro da organização pelas suas normas. Complementada a sua sigla, assim se escreve: PCB. (Seção Brasileira da Internacional Comunista).

³² *O Imparcial*, 04/05/1935, p. 1.

novembro de 1935, quando o número praticamente dobra. Em julho, mês da proscrição da ANL, elas foram muitas, grande parte referindo-se às causas do governo para a decisão, as ligações com a União Soviética e a arquitetura do plano que supostamente a ANL estaria elaborando. As informações de planos e ligações com a União Soviética chegavam através dos telegramas emitidos, principalmente, em relação aos possíveis planos comunistas.³³

Sobre este último item –os supostos planos subversivos , *O Imparcial* publicou no rodapé da sua primeira página o seguinte alerta:

PLANO TERRORISTA

Elementos terroristas, nesta capital, pretendiam dinamitar a Usina da Lapinha e alguns estabelecimentos comerciais desta praça. A polícia tomou enérgicas providências e está disposta a usar de todos os meios, mesmo os mais violentos, no sentido de manter a ordem e a tranquilidades públicas.³⁴

A chamada é deveras rica como fonte de análise do anticomunismo propagado pelos integralistas baianos.

O termo “terrorista” não era, comumente, usado para aludir aos comunistas. Em nenhum momento da pesquisa detectamos qualquer matéria jornalística usando este termo que abrisse a possibilidade para que pudéssemos especular se eram ou não comunistas de que se tratava. As referências lidas nos fazem crer que a expressão terrorista passou a ser usada com mais frequência e ênfase na chamada “segunda onda anticomunista” (1961-1964). Sabemos que o anticomunismo tem como uma de suas características denominar a todos que se aproximam ou se colocam em posição de crítica ao sistema sócio-econômico, aos valores, enfim aos aspectos que compunham a ordem vigente, de comunistas, principalmente em determinadas épocas de ascensão do comunismo. Para além disso, nos auxiliam a pensar sobre a questão, os chamados “efeitos de sentido”, de que fala Bethania Mariani (1988), na perspectiva da análise do discurso.

Tomando como referência a linha editorial do jornal e a existência de um discurso que se pautava pelo imaginário social, as imagens são observadas no processo de produção dos enunciados e sentidos. Neste caso, o termo “terroristas” é totalmente explicável, mesmo que seu aparecimento não tenha ocorrido no momento de construção do imaginário anticomunista, pois os

³³ Ibidem, 27/06/1935, p. 1.

³⁴ Ibidem, 07/07/1935, p. 1.

sentidos são ressignificados pela transformação das condições objetivas. O imaginário traduz determinada coisa sem reproduzi-la, com um caráter criativo, poético no sentido etimológico da palavra (LE GOFF, 1994)³⁵. Assim, dizer “terrorista” parece muito mais do que provocar terror, por que o seu sentido semântico é ultrapassado pelos valores que são atribuídos pelo contexto lingüístico.

A data de publicação da notícia é rica para análise. A chamada foi veiculada no dia 7 de julho, dois dias após a proclamação de Luís Carlos Prestes na sede da ANL que “praticamente propôs a derrubada do governo Vargas” (MOTTA, 2002: 182) e cinco dias antes da decretação da ilegalidade da ANL. Contudo, a chamada foi publicada em um jornal baiano direcionado a uma situação que ocorreria na Bahia, o que aparentemente não tem relação alguma com um “suposto” plano descoberto,³⁶ se não considerássemos a força que teve o imaginário anticomunista na história brasileira do século XX.

O conhecimento da declaração de Prestes e a movimentação do governo Vargas em torno do fechamento da ANL estimulou uma onda anticomunista mais intensa, por ter a imprensa e o próprio governo caracterizado a ANL como um difarce para as atividades do PCB.

Esta onda foi caracterizada pela grande quantidade de matérias relativas à descrição do plano descoberto. Notícias que ocupavam o topo da primeira página, como “Soviets no Brasil –o governo está de posse de um plano, vindo da Rússia, visando implantar o comunismo entre nós”³⁷ ou “Moscou legislando para o Brasil! –O Globo revela alguns trechos do engenhoso plano soviético distribuído em nosso paiz”³⁸ mostram a preocupação do periódico integralista

³⁵ Ciro Cardoso (2000) estatui dois conceitos de “representação” que se diferenciam bastante do modelo de “imaginário”. Um primeiro, que teria relação com o conhecimento: a capacidade de abstração. O segundo tem a ver com o simbólico, “uma vez que o objeto ausente é re-apresentado à consciência por intermédio de uma ‘imagem’ ou símbolo, isto é, algo que pertencente à categoria do signo” (CARDOSO, 2000, p. 46).

³⁶ “Um vasto plano subversivo. Rio (26) - *O Imparcial*. Tinha articulações nos correios e telegrafos. Com relação a um plano subversivo vermelho descoberto, diz ‘O Globo’ que conseguiu apurar que o plano era minucioso e tinha articulações nos correios e telegrafos. Diz que as usinas não seriam destruídas e sim entregues aos chefes e elementos de confiança, a fim de ficar a onda vermelha senhora de tudo podendo dar e tirar a luz, entocando e liquidando a chamada burguesia. Continua ‘O Globo’ dizendo que certos planos eram de origem russa sendo transmitidos em papel cifrado para o Brasil. Termina ‘O Globo’ dizendo que alguns membros dos governos estão convencidos que Luiz Carlos Prestes esteja no Brasil ou na Argentina”. *O Imparcial*, 27/06/1935, p. 1.

³⁷ *Ibidem*, 07/07/1935, p. 1.

³⁸ *Ibidem*, p. 8.

em informar à população em geral, sob a perspectiva anticomunista, do “plano” comunista divulgado pelo jornal carioca *O Globo*.

Neste “plano”, havia a previsão da participação de Lampião!:

O PLANO COMUNISTA NAS MINUCIAS
Luctas armadas e ataques à propriedade

(...)

A notícias da apprehensão das cartas e a divulgação em “clichê” causaram viva emoção na opinião pública. A certeza de que até Lampeão e seu bando sinistro foram chamados a colaborar no plano subversivo está porovocando verdadeira indignação.

(...)

O principal é começar a lucta. Luctas por reivindicações na mais pequena e proviveres para os famintos. Muitas vezes a lucta pela terra não é imediatamente possível nem incompreensível para as massas do campo. Mas o assalto de armazéns das fazendas é sempre possível e simpático às massas. E sobre Lampeão como vão as coisas? É necessário agir. Empreguem o nome de Prestes, pode ser que também Lampeão adhira(...) ³⁹

Lampião, tal como o cangaço inteiro, sofria a perseguição das tropas governamentais. Era uma das metas do governo Vargas desarmar os cangaceiros e todos aqueles que mantinham forças particulares armadas. A possibilidade aventada pela comunicação de um membro da ANL –Fernando– descrita na matéria jornalística, a respeito do contato com Lampião, a despeito de qualquer manipulação que pudesse ter havido nos documentos divulgado pelo jornal *O Globo* no final de junho e início de julho, nos mostra um ponto fundamental no discurso anticomunista, notadamente na Bahia, cuja existência do PCB não era comparativamente forte em relação a outros centros. A violência e o temor de confrontos era um instrumento que ressignificava simbolicamente a associação de Lampião com a ANL. Não é à toa que, de todas as informações contidas na longa matéria (a transcrição só contém uma parte dela), o enfoque no título da mesma foi dado a Lampião.

A relação entre violência e comunismo era comum no anticomunismo baiano e o integralismo o utilizou n’*O Imparcial*. Na explosão de uma bomba na sede integralista em Ilhéus, a responsabilidade pelo ato foi atribuído aos comunistas, como podemos notar:

UM ATENTADO COMMUNISTA EM ILHÉUS
Explodiu uam bomba na sede integralista onde se reuniam cerca de 800 pessoas.

Ilhéus, 9 (O Imparcial). A cidade foi hontem abalada por um acontecimento inedito e imprevisto, que poderia ter tido

³⁹ Ibidem, 02/07/1935, p. 1.

consequências mais graves do que as verificadas. Seriam mais ou menos 21 horas que quando pelo telhado do “Cinema Vitória”, onde se achava em sessão o núcleo integralista, foi atirada uma grande bomba de dynamite, cuja explosão causou sensíveis desastres materiais

No momento encontravam-se reunidas na sala de sessões cerca de 800 pessoas, inclusive mulheres e crianças. O estampido encontrou naturalmente, pânico e correrias e atropelos.

Passado o primeiro momento, verificou-se estarem feridos, um homem e uma mulher, nenhum dos dois apresentando gravidade (...)

Depois de serenados os ânimos e a pedido do delegado, os camisas-verdes suspenderam a sessão entoando o hynno nacional.

Toda a cidade atribue o facto a manejos da corrente comunista. (...)

A responsabilidade material atentado é ignorada; a moral é positivamente dos aliancistas que promovem meios de reacção dos integralistas, afim de crear a situação afim de sermos colhidos pela lei de segurança nacional.

O chefe mantém a calma: todavia os companheiros estão desejosos de impor aos canibaes o castigo merecido. Creio necessário providências da chefia provincial, junto às autoridades, no uso das nossas prerrogativas garantidas pela constituição e pela Lei de Segurança Alliancista o prefeito de Ilhéus?

Ilhéus atravessa penosa situação moral, política e administrativa. Depois de espalharem boletins subversivos, ex-alliancistas fizeram comício agitador com autorização da polícia.

Às 22 horas de hontem explodiu uma bomba de dynamite, na sede dos integralistas, causando pânico. Os agitadores são protegidos abertamente pelo prefeito Ensinio Lavigne, qua vae levando Ilhéus a decadência, por abandono completo, apesar de grandes rendas.⁴⁰

Fizemos questão de transcrever boa parte da notícia, muito longa, para termos uma idéia de quanto era grande a rivalidade entre os dois grupos. A disputa entre aliancistas e integralistas não aconteceu apenas na Bahia ou no restante do Brasil, mas em todo mundo, em maior ou menor escala, transmutada entre comunismo e fascismo. Na Bahia, ela se traduziu em disputas na imprensa, nos sindicatos e dentro dos espaços governamentais.

A efeméride descrita também ocorreu em outros estados –explosões de bombas em sedes da ANL e da AIB, o que não surpreende, mesmo tendo como referência da imprensa local uma Bahia pacata. Esta idéia se desfaz quando verificada pelos jornais a presença de “elementos estranhos” à Bahia e aos baianos; assim, greves, manifestações e comícios opositores eram geralmente relacionados aos comunistas. Na explosão da bomba na sede integralista, atribuir o atentado aos comunistas, além de ter coerência por serem grupos anagônicos e declaradamente rivais, satisfaz plenamente a idéia da passividade do baiano, pois ainda na década de 1930 prevalecia, pelo menos até

⁴⁰ ibidem, 10/08/1935, p. 1.

os levantes de 1935, que o movimento comunista era composto por pessoas estranhas ao Brasil.

Sem apurar nada, a autoria da explosão foi imputada aos comunistas, sob o nome de responsabilidade “moral”, envolvendo indiretamente o prefeito de Ilhéus, que protegeria os ex-aliancistas em suas atividades. Apesar da oposição que os integralistas possivelmente faziam ao governo local, o anticomunismo integralista agia segundo as circunstâncias do local e ao posicionamento das autoridades quanto à maior ou menor liberdade de atuação dada aos comunistas, aliancistas, ou esquerdistas em geral. A depender da visão sobre os movimentos de esquerda, as autoridades eram nomeadas de comunistas.⁴¹ A atitude esperada e normal das autoridades era a perseguição aos comunistas, não a complacência ou, muito menos, a colaboração.

O último destaque da notícia é a ênfase dada às mulheres e crianças que estavam no evento. Isso não é casual. É evidente que em uma reunião de 800 pessoas, certamente também estariam participando mulheres e crianças. Conquanto a informação seja verossímil, o que pretendemos não é exatamente averiguar ou não a veracidade dos fatos. O que nos importa mais é a divulgação de idéias e quais são os seus potenciais discursivos para a produção de sentidos sobre o comunismo, a partir do integralismo. Por este viés, a informação da presença de mulheres e crianças tem o condão de causar maior perplexidade ao leitor sobre o fato e instigar a uma maior repulsa aos comunistas.

A propaganda de repulsa aos aliancistas, e por consequência também aos comunistas –já que eram considerados pela imprensa e pelos governos como a mesma coisa, continuava e aparecia no noticioso atrelada à discussão da doutrina integralista ou a algum fato em que os comunistas estavam envolvidos. Destes fatos, comícios realizados por ex-integralistas eram noticiados pelo *O Imparcial*:

PROPAGANDA COMUNISTA

Domingo, em Plataforma, houve “um comício monstro”, e está convocado outro para a próxima quarta-feira.

⁴¹ Em pesquisa elaborada com recursos do PIBIC verificamos que durante a grande greve operária baiana da Primeira República em 1919, o posicionamento de Antonio Moniz, governador da Bahia entre 1916 e 1920, ligado a J. J. Seabra, engendrou a crítica dos opositoristas ao sebrismo, e portanto a Moniz, que chamavam de “maximaluco” por dispensar pouca repressão ao movimento grevista daquele ano. Não por ser simpatizante da greve, muito menos do anarquismo ou comunismo, mas por conta da disputa das eleições de 1920 que se adiantavam naquele momento.

O agitador Noblat, agente terrorista muito conhecido convocou para se realizar em Plataforma, no último domingo, um comício monstro, afim de fazer propaganda da sua ideologia vermelha.

Domigo, dia de descanso, não apareceram mais do que treze ou quatorze curiosos para ouvirem a arenga do agente moscovita.

Ainda assim Noblat falou. Fez sua propaganda. Disse da excelência do regimen bolchevista, que na sua opinião, o Brasil devia adoptar. E por que não teve auditório, resolveu convocar outro “monstro” para a próxima quarta-feira. Talvez agora, tratando-se de um dia que não é consagrado ao descanso, o número de ouvintes cresça um pouco (...)

Mas (...) É possível, também, que a polícia compareça. Pois está nas preocupações da polícia proibir essa propaganda perniciosa?(...)⁴²

A característica principal da notícia é a diminuição da repercussão do comício, ao ressaltar o número pequeno de participantes e a qualificação de “monstro” para o comício comunista. Contudo, o que salta os olhos é o alerta dado no final da notícia, em relação a qual cabe uma pergunta: se o comício teve tão poucos ouvintes, por que a preocupação com a propaganda comunista que se fará no próximo?

Em comparação com o *Diário de Notícias*, o comunismo n’ *O Imparcial* aparecia como uma ideologia perigosa para a superação do liberalismo e na mesma matéria o integralismo seria a alternativa. Raras eram as matérias em que só o comunismo era abordado pelo articulista ou pelo jornalista em geral. A segunda diferença está na quantidade de extratos que coletamos de matérias cujo tema era o integralismo que falavam do comunismo. Elas apareceram mais vezes n’ *O Imparcial* do que no *Diário de Notícias*, não obstante ambos tenham adotado posturas autoritárias, se pensarmos como Benzaquen (1987), que considera o integralismo como uma das formas do totalitarismo.

Também ocorreu uma inflexão com *O Imparcial* durante a Segunda Guerra Mundial. Após a compra do periódico pelo Cel. Franklin Lins de Albuquerque, a linha editorial foi mudada, passando a condenar o fascismo e o integralismo, reflexo da entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial e a presença de alguns comunistas como Jorge Amado no jornal.

Considerações finais

A postura dos jornais é de porta-voz dos argumentos ideológicos autoritários que se nota pelos trechos extraídos destacando a simbiose que há

⁴² Ibidem, 05/11/1935, p. 3.

entre o combate ao comunismo e o apoio às forças fascistas e proto-fascistas européias. O *Diário de Notícias*, como buscou mostrar José Carlos Peixoto Jr. (2003), apoiou explicitamente o nazismo, a partir de 1934, mas também foi simpático a qualquer outra postura anticomunista, como o integralismo, por exemplo. Já em relação ao *Imparcial*, este periódico se caracterizou pela defesa ardorosa do integralismo, reforçando qualitativamente aspectos da doutrina e divulgando sistematicamente atividades dos integralistas, que, em boa medida estava relacionada com o combate ao comunismo.

Os jornais baianos, com uma dinâmica própria da imprensa na década de 1930, intervieram decisivamente na consolidação de uma postura anticomunista nas páginas de suas edições. Colaboraram bastante para o reforço de valores que terminaram por delimitar os campos de atuação do comunismo e do anticomunismo. Além disso, viabilizaram a formação de opinião e disposição de parte da população de repulsa ao comunismo gerando temor quanto ao crescimento do comunismo em terras bahianas.

Em relação ao integralismo, os jornais o apoiaram e divulgaram de maneiras diferentes, notícias e artigos relativos à doutrina do sigma, na medida em que estes tratavam e levavam à população idéias e conceitos sobre o comunismo, com o sentido “educativo”.

Assim, o integralismo, no período de sua existência na Bahia, cooperou na elaboração do anticomunismo bahiano e, ao mesmo tempo, os jornais se valeram do integralismo para o combate ao comunismo.

Bibliografia:

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e revolução - o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n^o 40, 2001, pp. 85-105.

CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira. *Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política da Bahia*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2005, p. 172.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado (forma de regressividade no capitalismo hipertardio)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. Tese (Doutorado em História). USP: São Paulo, 2007.

FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: a classe operária, sindicato e política*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1997.

GÉRTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LAMOUNIER, Bolivar. Formação de um Pensamento Político autoritário da Primeira República. IN: FAUSTO Boris (org.) *O Brasil republicano, v. 2: sociedade e instituições(1889-1930)*. 7^o ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira).

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Paris: Gallimard, 1985.

MAGALHÃES, Juraci. *Minhas memórias provisórias: depoimento prestado ao CPDOC*. CABREU, Alzira Alves de; VASCONCELLOS, Eduardo Raposo; FARAH, Paulo César, (coord). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. *Ação Integralista Brasileira – um movimento fascista no Brasil (1932 – 1938)*. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano, vol. 2 – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1988.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PEIXOTO JUNIOR, José Carlos. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia, 1935-1941: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2007.

POULAT, Emile. Integralismo. IN: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12^o ed. Brasília: Editora UnB, 2004.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. *O Integralismo entre a Família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937)*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

REGIS, João Rameres. *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do ceará (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial, 1927.

SANTOS, Ademir da Costa. *O Integralismo em Sergipe: as propostas e a propagação do ideário (1933-1938)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Aracaju: UFS, 2003.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira. IN: *Ordem burguesa e liberalismo político*. São

Paulo. Duas Cidades, 1978.

SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (A.I.B. - PE): 1932-1938*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 1996.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 1930*. 2º ed. São Paulo: Difel, 1979.

_____. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. IN: FAUSTO Boris (org.) *O Brasil republicano, v.3, tomo 3: sociedade e política(1930-1960)*. 7º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira).

VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia curupira (análise do discurso integralista)*. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais). São Paulo: USP, 1977.

Colaboração recebida em 28/07/2008 e aprovada em 2/12/2008.